Cuidado com o pescoço.

Tem vampiro na página 12.

Jornal da UNESP

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
OUTUBRO/95 - ANO XI - Nº 98

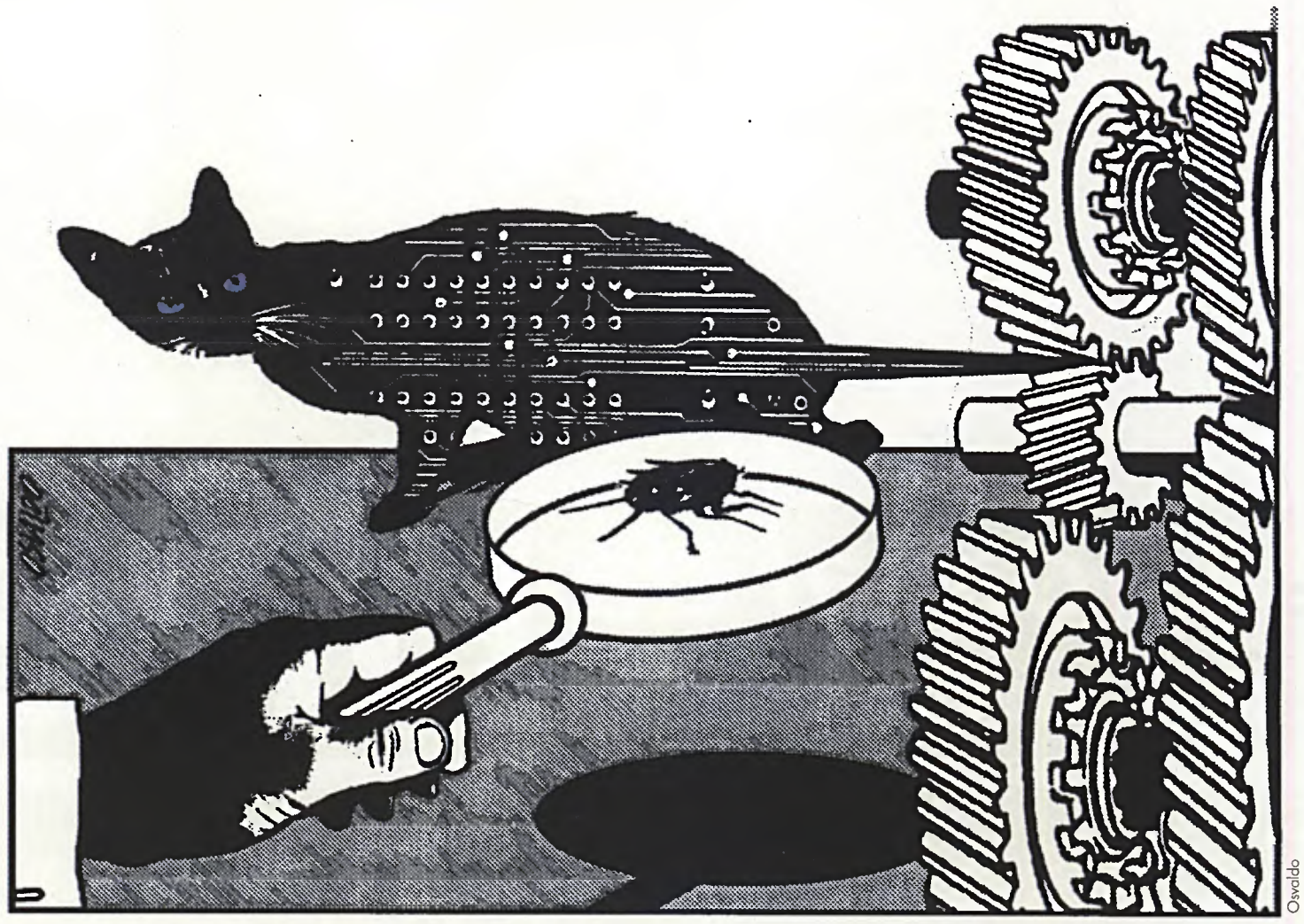
GLOBALIZAÇÃO

Paulo Zilberman

Seminário debate, no câmpus de Marília, as conseqüências da internacionalização das relações econômicas e sociais. Págs. 6, 7 e 8

MEC: proteção ou fiscalização?

MARCIO ABUD MARCELINO



Osvaldo

Em todo Brasil sabe-se de denúncias e processos contra faculdades que, de maneiras irregulares, cedem diplomas de 3º grau a alguns alunos. Embora seja uma função do Ministério de Educação e Cultura (MEC) credenciar e fiscalizar tais faculdades, em geral as denúncias são feitas por pessoas alheias a esse Ministério.

Com a alegação de coibir essas fraudes e de avaliar o desempenho dessas instituições, o MEC está propondo, já para ano de 1995, um exame em nível nacional para os estudantes que estão concluindo seu curso de graduação. Embora tenha como base os currículos mínimos, cada curso tem sua especialidade e, portanto, se o exame for muito específico, pode fugir da modalidade de um determinado curso. Se o exame for muito genérico, pode mostrar até mesmo falhas dos cursos de 1º e 2º graus ou deixar de avaliar as reais habilidades necessárias à atividade profissional.

A incompetência do MEC em fiscalizar as instituições de ensino, leva-o a propor uma saída também de pouca competência, um exame apenas teórico que certamente não alcançará seu objetivo. O MEC não terá condições de elaborar e aplicar anualmente os exames para todas as modalidades de cursos existentes no País, e deverá contar com o auxílio de professores universitários, gerando um custo inexistente hoje, sem qualquer benefício direto.

Algumas categorias de profissionais liberais (OAB e, atualmente, CRM de São Paulo), procuram proteger-se e proteger a população contra profissionais sem o conhecimento mínimo para exercer suas atividades. Um exame de qualificação, financiado pelo próprio candidato, com um número de chances não limitado, qualifica-o ou não para exercer sua profissão. Para os profissionais não liberais, o principal exame de qualificação é o próprio mercado de trabalho, que o avalia durante toda a vida profissional. No entanto, um número reduzido desses profissionais trabalham em instituições públicas que, infelizmente, ainda estão sujeitas a interesses políticos e particulares, às vezes deixando os critérios de competência e conhecimento em segundo plano.

Os anos 90 nasceram com a privatização e terceirização das atividades consideradas não essenciais ou ineficientes, restando para o governo as atividades essenciais e a fiscalização de todas as demais atividades do País. Exatamente quando está bem claro que executar é uma atividade de extrema complexidade para o governo, e que a função de fiscalização é que irá transformar o Brasil nos próximos anos, a proposta de execução do exame de qualificação pelo MEC parece bem equivocada e incoerente com as recentes linhas de ação do governo.

É comum se ter notícias de fraudes em eleições, mesmo para os pleitos nacionais, apesar de os partidos com interesses incomuns estarem atentos a toda e qualquer irregularidade. Em um exame de qualificação, onde o número de fiscais será reduzido e os interesses poderão até ser comuns, a fraude será generalizada em pouco tempo, podendo funcionar apenas para as instituições e pessoas que certamente não precisariam ser reavaliadas. Parece que o MEC está sofrendo de uma grave moléstia, a Síndrome da Proteção, pois, seguindo o seu raciocínio, sugere-se um segundo exame de qualificação apenas para os aprovados no primeiro, para avaliar se houve fraude. Mantendo o mesmo raciocínio, sugere-se um terceiro exame, apenas para os aprovados no segundo...

◆◆◆

O Ministério de Educação e Cultura (MEC) é responsável pelo credenciamento e fiscalização de todas as instituições de ensino superior no Brasil. As universidades são autorizadas como instituições de ensino e cada curso é credenciado individualmente. As faculdades isoladas recebem autorização e credenciamento para cada curso que oferecem. A autorização para início de funcionamento é obtida através dos Conselhos Estaduais de Educação (CEE) que verificam, in loco, *as condições físicas (salas de aula, laboratórios, bibliotecas etc.) e humanas (corpo docente e funcionários) para a realização do curso.*

Com o laudo de autorização do CEE, o curso pode ser iniciado e é solicitado, junto ao Conselho Nacional de Educação (que substitui o extinto Conselho Federal de Educação), o credenciamento do curso pelo MEC. O credenciamento não tem prazo de validade e, uma vez credenciado, o curso deveria receber fiscalização periódica através das Delegacias Regionais do MEC. Mas, salvo algumas exceções ou após alguma denúncia, o curso jamais é fiscalizado. Dentro das exceções, devido inclusive à pressões de órgãos de classes, está o curso de Medicina, que recebe vistoria periódica de especialistas, porém com datas previamente marcadas.

Fiscalização é a verificação continuada de um conjunto de regras previamente estabelecidas a que se submete uma classe da sociedade para obter e manter atividades específicas, dentro de um critério de exigência mínima. O cumprimento dessas regras deve fugir do controle de um número restrito de interessados, exigindo a participação e conivência de muitas pessoas, reduzindo a chance de uma fraude.

Fiscalizar vai ser uma das principais atividades dos governos nas próximas décadas, e isso vai exigir grandes mudanças nas técnicas de fiscalização e no perfil dos fiscais. No caso do MEC, onde os processos de credenciamento dos cursos são em geral analisados e quase sempre aprovados dentro dos gabinetes em Brasília, as mudanças devem ser significativas.

A seguir, apresentam-se algumas sugestões para fiscalização desses cursos que, embora óbvias, têm os custos de execução inferiores e melhores resultados que o Exame de Qualificação proposto pelo MEC:

• O curso não pode ser iniciado sem o conhecimento do MEC. *Assim, evitaria-se a situação de pressão para credenciamento, quando a primeira turma já estaria concluindo o curso.*

• Vistorias inesperadas, com períodos e fiscais variados, às instituições de ensino. *De preferência, em épocas de provas onde, pelo conteúdo avaliado, pode-se verificar se o programa aprovado e registrado está de fato sendo cumprido.*

Algumas faculdades têm por norma, após a vista pelo aluno, arquivar as provas oficiais corrigidas, devidamente documentadas, por um período não inferior a 10 anos. Isso facilita a fiscalização, mesmo que fora da época.

O MEC pode até exigir das instituições esse tipo de procedimento. Isso serviria para comprovar denúncias de fraudes, inclusive aquelas com a participação de fiscais do MEC.

• Criação de um telefone para denúncias, o disk-MEC, com ligações gratuitas. *Alunos insatisfeitos, funcionários e professores que não concordam com as irregularidades poderão colaborar com a fiscalização do MEC.*

Em função das irregularidades encontradas, várias poderão ser as advertências e punições impostas à instituição, por exemplo:

• Advertência em vários níveis, com permissão para início de novas turmas;

• Interrupção temporária do credenciamento, com proibição de ínicio de novas turmas por um ou dois períodos;

• Descredenciamento definitivo. Neste caso, deverão ficar registrados no MEC todos os responsáveis e co-responsáveis pelo curso, entre eles os dirigentes e professores. O nome destas pessoas, como integrantes de um novo curso a ser submetido ao MEC, pesará negativamente para o credenciamento.

Com a devida fiscalização e após o descredenciamento de alguns cursos, o índice de irregularidade certamente irá diminuir, pois somente existe fraude nos níveis atuais devido à certeza da impunidade.

Marcio Abud Marcelino é professor do Departamento de Eletricidade da Faculdade de Engenharia do câmpus de Guaratinguetá.

unesp

Reitor: Arthur Roquete de Macedo
Vice-reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Pró-reitor de Administração: José Carlos Souza Trindade
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: José Ribeiro Júnior
Pró-reitor de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários: Vagner José Oliva
Secretário Geral: Darvin Beig
Diretores das Unidades Universitárias: João César Bedran de Castro (FO-Araçatuba), Francisco Miguel Belda Neto (FCF-Araraquara), Luís Roberto de Toledo Ramalho (FO-Araraquara), Telmo Correia Arrais (FCL-Araraquara), Cristo Bladimiros Melios (IQ-Araraquara), Carlos Erivany Fantinati (FCL-Assis), Ivan Aparecido Manoel (FAAC-Bauru), Jehud Bortolozzi (FC-Bauru), Ivan de Domenico Valarelli (FET-Bauru), Ricardo Antônio de Arruda Veiga (FCA-Botucatu), Luiz Antônio Vane (FM-Botucatu), Luís Antônio Toledo (IB-Botucatu), Frederico Ozanam Papa (FMVZ-Botucatu), Neide Aparecida de Souza Lehfeld (FHDSS-Franca), Herman Jacobus C. Voorwald (FE-Guaratinguetá), Laurence Duarte Colvara (FE-Ilha Solteira), Júlio Cézar Durigan (FCAV-Jaboticabal), Cândido Giraldez Vieitez (FFC-Marília), Alvanir de Figueiredo (FCT-Presidente Prudente), Osvaldo Aulino da Silva (IB-Rio Claro), Marcos Aurélio F. de Oliveira (IGCE-Rio Claro), Wilson Maurício Tadini (Ibilce-São José do Rio Preto), José Eduardo Junho de Araújo (FO-São José dos Campos) e John Edward Boudler (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP
Editor chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Redação: Denise Pellegrini, Tânia Belickas e Waltair Martão
Editor de Arte: Celso Pupo
Edit. Eletrônica: Marco Aurélio S. A. Ferreira
Fotografia: Monica Richter
Colaboraram nesta edição: Alberto Aggio, Celso Góes, Marcio Abud Marcelino e Milton Lahuerta (texto), Osvaldo e Paulo Zilberman (ilustração) e Moretti Jr. (foto).
Produção: Mara Regina Marcato e Patricia do Carmo
Revisão: Maria Luiza Simões
Pesquisa: Dedoc/Abril
Tiragem: 25.000 exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.
A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-001, São Paulo, SP. Telefone (011) 252-0323 e 252-0327. Fax (011) 252-0207.
Fotolito e Impressão: IMESP

Convênio abre portas da ciência

Acordo com a Universidade de Pittsburgh prevê intercâmbio de professores e alunos e programas de investigação científica

Dentro em pouco, a UNESP passará a ter acesso a um dos centros mais avançados do mundo em termos de tecnologia de ponta na área médica. De quebra, poderá consultar também um dos mais completos acervos de livros e documentos existentes sobre a América Latina. Para isso, firmou, no último dia 15 de setembro, um convênio de cooperação com a Universidade de Pittsburgh, na Pensilvânia, Estados Unidos, uma das instituições mais renomadas do continente (*veja quadro abaixo*). O acordo, com duração de cinco anos, vai permitir o intercâmbio de estudantes de pós-graduação e de professores e o desenvolvimento de projetos conjuntos de ensino e pesquisa. Prioritariamente, serão incentivados programas nas áreas de reforma educacional, reestruturação econômica e meio ambiente. O documento foi assinado pelo reitor da UNESP, Arthur Roquete de Macedo, que, entre 11 e 15 de setembro último, esteve visitando as instalações de Pittsburgh a convite da universidade americana, e pelo reitor interino Mark Nordenberg e o pesquisador Billie DeWalt, diretor do Centro de Estudos Latino-Americanos. Esteve presente também o representante do embaixador do Brasil nos Estados Unidos, Alexandre Pontes.

"O convênio não vai se restringir à troca de professores e estudantes, mas prevê uma ação conjunta das universidades no incremento de programas de investigação científica", enfatiza o reitor Macedo. Ele afirma que as duas instituições deverão realizar estudos para diagnosticar os principais problemas de educação nos dois países, visando, do lado brasileiro, o aprimoramento e reformulação do sistema educacional, projetos nas áreas de economia e sociologia com ênfase em políticas públicas, e também em desenvolvimento sustentado. O Centro de Estudos Latino-Americanos, unidade da universidade americana, e a Arex, da UNESP, que vão operacionalizar o convênio, deverão montar as equipes de trabalho para a elaboração dos projetos.

Enrique Amoyo

CERIMÔNIA
Nordenberg e Macedo assinam acordo: problemas de educação

Reprodução

UMA DAS DEZ MAIS
A biblioteca de Pittsburgh, especializada em assuntos latino-americanos

A iniciativa do acordo partiu do historiador Enrique Amayo, assessor da vice-reitoria da UNESP e pesquisador associado do Centro de Estudos Latino-Americanos da Universidade de Pittsburgh, que acompanhou o reitor durante a visita aos Estados Unidos, juntamente com o pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, José Ribeiro Júnior, e a professora Lígia Trevisan, assessora-chefe da Arex. Amayo, que realizou estudos de doutorado em Pittsburgh, entre 1981 e 1985, garante que a biblioteca do Centro é uma das dez mais importantes do mundo. "Contém cerca de 400 mil livros versando sobre o continente latino-americano", descreve. O pesquisador adverte, no entanto, que o convênio não prevê a concessão de bolsas de estudo. "Como pré-requisitos, é imprescindível o pesquisador falar inglês e ter um projeto de pesquisa bancado por alguma agência financiadora, brasileira ou estrangeira", explica. Nesse sentido, a professora Lígia Trevisan é enfática. "A forma mais eficiente do pesquisador divulgar a universidade é ter garantia de financiamento da sua pesquisa", afirma. O número de vagas a serem oferecidas e o mecanismo para a seleção dos estudantes da UNESP ainda não foram definidos.

Um transplante a cada doze horas

A Universidade de Pittsburgh é uma das instituições de ensino superior mais prestigiadas dos Estados Unidos. Fundada em 1787, integra a renomada Associação de Universidades Americanas, entidade que congrega instituições com pesquisas de ponta. Distribuída por 90 edifícios nas imediações do centro de Pittsburgh, a universidade é reconhecida internacionalmente pela sua atuação na área médica, principalmente em transplantes de órgãos, por estudos na área de psiquiatria e está entre as melhores do país em história da ciência e da filosofia. Dos laboratórios da universidade surgiram descobertas importantes, como a vacina Salk, contra a pólio, a insulina sintética e a identificação da vitamina C. Entre os maiores institutos de pesquisa de Pittsburgh destacam-se o Centro de Ensino em Pesquisa e Desenvolvimento, voltado para a pesquisa do conhecimento e suas aplicações na sala de aula, o Centro de Estudos Latino-Americanos, um dos poucos do país a receber financiamento do governo federal para o desenvolvimento de pesquisas, e o Centro Médico, considerado um dos melhores do mundo. A divisão de serviços de transplantes, no entanto, é a área médica mais renomada. É a instituição que realiza o maior número de transplantes de fígado nos Estados Unidos: um em cada doze horas. Tentativas já vêm sendo feitas para transplantar cinco órgãos — fígado, pâncreas, estômago e os intestinos delgado e grosso — de uma só vez.

A universidade e o Mercosul

Seminário internacional debate integração latino-americana

A América Latina tem que se preparar para formar recursos humanos competentes para as próximas décadas. Esse foi um dos principais pontos levantados durante o Seminário Internacional "O papel da universidade no processo de integração latino-americana. O caso do Mercosul", realizado pela UNESP e Associação Universitária Ibero-americana de Pós-graduação, de 29 a 31 de agosto no Memorial da América Latina, em São Paulo. Com um público de aproximadamente 100 pessoas, o evento contou com a participação de expositores da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, Espanha, Itália, México, Paraguai, Peru, Uruguai e Venezuela.

Segundo o vice-reitor Antonio Manoel dos Santos Silva, coordenador do evento, foram colocados pela primeira vez, juntos, representantes de instituições de ensino superior da América Latina para avaliarem o papel que a universidade desempenha ou pode desempenhar no Mercosul. "Durante o seminário, pudemos verificar o estágio em que está a relação entre o Mercosul e as universidades e iniciar discussões a respeito", relata.

Monica Richter

IDÉIAS
"O Caso Mercosul": evento discute papel da universidade no processo

Das conferências, mesas-redondas e reuniões de trabalho participaram representantes de instituições como a Organização de Universidades Católicas da América Latina (ODUCAL), União de Universidades da América Latina (UDUAL), Organização das Nações Unidas (ONU), Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) e Organização dos Estados Americanos (OEA), entre outras.

Há uma preocupação forte dos pesquisadores da América Latina em buscar caminhos para a integração dessa parte do continente, na opinião da professora Lígia Trevisan, assessora-chefe da Arex, Assessoria de Relações Externas, e membro da comissão organizadora do evento.

De acordo com ela, o Seminário serviu para plantar idéias de como a universidade pode participar desse processo. "Na área institucional, é possível implantar cursos de pós-graduação com professores de vários países", cita. "Além disso, é importante desenvolver projetos de pesquisa voltados para as questões prioritárias da América Latina."

ACORDO

UNESP guarda memória de São Paulo

Documentos da gestão Erundina serão preservados pelo Cedem

Proporcionar a pesquisadores, estudantes e administradores públicos a oportunidade de conhecer a fundo a experiência de gestão participativa implementada por Luíza Erundina à frente da Prefeitura de São Paulo. Esse é o objetivo principal do protocolo de intenções firmado entre a UNESP e o Centro de Documentação e Estudos da Cidade de São Paulo (Cedesp), uma associação sem fins lucrativos que guarda toda a documentação referente à administração da capital paulista entre 1989 e 1992. Durante a solenidade de assinatura do documento, que ocorreu no último dia 31 de agosto, políticos, docentes e funcionários da Universidade lotaram a sala do Conselho Universitário, no prédio da Reitoria.

Monica Richter

HISTÓRIA
A ex-prefeita Luíza Erundina: gestão participativa arquivada

"Esses documentos são um patrimônio da cidade e, com eles, queremos contribuir para a melhor formação de futuros professores e proporcionar um suporte em políticas públicas para os municípios do Estado", justificou a ex-prefeita Luíza Erundina, atualmente docente da Universidade Federal de Juiz de Fora, em Minas Gerais. "Conheço o trabalho da UNESP no interior, junto às prefeituras, e acredito que sua proposta e a do Cedesp se completam", emendou. Para o reitor da UNESP, Arthur Roquete de Macedo, Luíza Erundina foi responsável por uma gestão inovadora. "Seu governo se pautou pelo tratamento adequado da coisa pública, dentro de uma gestão democrática e participativa", afirmou. "Para a UNESP e o Cedesp, é importante preservar essa experiência, que é a história da nossa cidade", completou.

Todos os documentos acumulados pelo Cedesp, que é presidido pelo economista Paul Singer, serão guardados pelo Centro de Documentação e Memória (Cedem), localizado na Praça da Sé, no antigo prédio da Reitoria. A partir da assinatura do protocolo, os dois centros terão de se reunir para traçar projetos conjuntos que podem incluir estudos, pesquisas, consultorias, conferências, cursos, treinamentos e estágios, entre outras atividades. "Pretendemos que os acervos referentes a outras administrações municipais, passadas e futuras, venham a se juntar ao nosso para que a memória política e administrativa da cidade seja preservada", finalizou a ex-prefeita.

INFORMÁTICA

Unibibli, a biblioteca vapt-vupt.

CD-ROM agiliza consulta a 2 milhões de obras

A UNESP, a USP e a Unicamp mantêm um total de 80 bibliotecas, que, juntas, reúnem cerca de 2 milhões de obras, sendo 700 mil livros. A tarefa de localizar, neste verdadeiro labirinto, por exemplo, teses sobre determinado assunto, já não exige doses exageradas de paciência como há pouco. Desde o lançamento da base de dados Unibibli, um CD-ROM com informações bibliográficas daqueles acervos, em agosto último, a tarefa tornou-se mais prazerosa e infinitamente mais rápida. A primeira edição do CD-ROM, lançada em 1994, destinava-se apenas a bibliotecas de universidades oficiais. A nova versão, atualizada, encontra-se à venda para o público. Na opinião de Glaura Maria Barbosa de Almeida, coordenadora da Coordenadoria Geral de Bibliotecas (CGB), o CD veio facilitar a vida de muitos usuários. "Até há pouco tempo, para saber onde se encontrava um livro de seu interesse, o pesquisador tinha que ter um computador ligado em rede às três universidades", conta.

O trabalho foi desenvolvido pelo Bireme (Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde), com patrocínio da Fapesp, e será atualizado duas vezes ao ano, com a inclusão das novas obras incorporadas às bibliotecas. A consulta do Unibibli é feita a partir do sistema DOS, mas futuras edições devem sair também para o Windows. As instruções de instalação e operação vêm com o disco, que custa R$ 100,00. Quem optar pela assinatura anual, receberá duas edições, pagando R$ 160,00. Outras informações podem ser obtidas pelo telefone (011) 252-0374. Os pedidos de doação, restrita a instituições públicas, devem ser feitos à USP, pelo telefone (011) 211-7448.

Monica Richter

BASE DE DADOS
Glaura: consulta rápida às 80 bibliotecas

EVENTO

Circuito integra disciplinas

Prograd promove debate em torno da indagação: "As disciplinas do seu curso estão integradas?"

Noélia Ipê

CURRÍCULO
A pró-reitora Bicudo: dicotomia entre ciclos básico e profissionalizante

Na sala de aula, o estudante não entende bem a correlação entre uma disciplina e outra. Em outros casos, não compreende o motivo pelo qual dois professores abordam, de forma diferente, o mesmo conteúdo. Procurar refletir sobre estas e outras questões curriculares no ensino de graduação é o objetivo do IV Circuito Prograd, que acontecerá no dia 18 de outubro, em todos os câmpus da UNESP. O tema deste ano é "As disciplinas do seu curso estão integradas?". Sob a coordenação do Grupo de Estudos e Desenvolvimento do Ensino (Gedeu), dezesseis professores ligados à área de educação da Universidade visitarão câmpus diferentes para discutir alguns aspectos relacionados ao assunto, como a importância da vinculação entre os ciclos básico e o profissionalizante e da interdisciplinaridade na formação profissional.

Segundo a pró-reitora de Graduação Maria Aparecida Viggiani Bicudo, a falta de integração entre as disciplinas veio à tona a partir dos resultados colhidos no estudo "Acompanhamento e avaliação dos cursos de graduação da UNESP", iniciado em 1993 e concluído no início deste ano. O trabalho procurou avaliar a qualidade dos cursos de bacharelado e licenciatura, por meio de um modelo batizado de Projeto Pedagógico, que compreende um amplo levantamento do curso. "Nesse trabalho, ficou claro que existe uma dicotomia entre os ciclos básico e o profissionalizante, provocando, como conseqüência, a desarticulação das disciplinas na grade curricular", explica Bicudo.

De acordo com a bióloga Maria Sueli Parreira de Arruda, integrante da Comissão Organizadora Central e coordenadora do Gedeu do câmpus de Bauru, o IV Circuito Prograd dará continuidade às discussões promovidas no terceiro encontro, realizado no último dia 17 de maio em torno do tema "O Projeto Pedagógico do seu curso está sendo construído por você?". "Nesse encontro, já havia sido constatado o problema da dissociação ou repetição existente entre as disciplinas", pondera a bióloga. Colega de Maria Sueli nas atividades de coordenação, a pesquisadora Olga Maria Oliveira, coordenadora do conselho de curso do Instituto de Química do câmpus de Araraquara, não acredita que a repetição de conteúdo seja o principal problema. "A grande questão é que os docentes, ao adaptarem o conteúdo curricular aos novos avanços na área científica, acabam criando uma desarticulação entre as disciplinas", detecta.

Os textos preparados pelos dezesseis conferencistas deverão ser reunidos numa publicação. No último encontro, a produção gráfica e a impressão dos anais ficaram sob a responsabilidade do Núcleo de Atividades Acadêmicas e do curso de pós-graduação em Educação, do câmpus de Marília, que editaram mil exemplares. Para a pró-reitora Maria Bicudo, esse material é precioso e inédito. "A proposta é que os anais, originados das discussões dos Circuitos Prograd, sejam um instrumento de trabalho para os Gedeus locais, que os distribuirão para os chefes de departamento, membros das comissões de ensino e coordenadores de curso."

PRÊMIOS

Matemático recebe "Moinho Santista"

O mais importante prêmio do País, no gênero, é entregue a professor do câmpus de Bauru.

Monica Richter

CIÊNCIA DA EDUCAÇÃO
Garnica, com Freire e Furtado: produção científica

Pela segunda vez em três anos, um docente da UNESP conquista o Prêmio Moinho Santista Juventude, apontado como o mais importante, no gênero, em todo o País. Promovido há 40 anos pela Fundação Moinho Santista, tem o objetivo de premiar jovens de até 35 anos que tenham se destacado em áreas acadêmicas. Antônio Vicente Marafioti Garnica, 33 anos, professor da Faculdade de Ciências do câmpus de Bauru e pós-graduando do Instituto de Geociências e Ciências Exatas do câmpus de Rio Claro, foi o vencedor da 16ª versão do prêmio, na área de Ciência da Educação. A premiação aconteceu no último dia 29 de setembro, no Palácio dos Bandeirantes, em solenidade presidida pelo governador do Estado, Mário Covas.

"Acredito que o prêmio me tenha sido outorgado pela minha dissertação de mestrado na área de Educação Matemática, pelo conjunto da minha produção científica e por meu envolvimento em atividades extracurriculares", explica Garnica. O matemático recebeu uma medalha de prata, um diploma em pergaminho e R$ 15 mil. Foram também premiados, na ocasião, o jovem Marcelo Carvalho (USP), na área de Economia Internacional, e, na categoria principal, Paulo Freire e Celso Furtado. "Não existe inscrição para o prêmio. Fui indicado pela UNESP", explica Garnica. Os trabalhos enviados para a categoria Juventude são selecionados por uma comissão técnica, que indica os vencedores.

Comemorando a premiação está também a Pró-reitora de Graduação da UNESP, professora Maria Aparecida Viggiani Bicudo, orientadora de Garnica durante a iniciação científica, no mestrado em Educação Matemática e no doutorado, que ele defenderá em breve. "Garnica sempre teve uma vida universitária bastante ativa desde a graduação, organizando eventos e participando de congressos nacionais e internacionais", relata Bicudo. Para o matemático, o prêmio será extremamente importante em seu currículo. "Pretendo investir o dinheiro na minha carreira, comprando livros e viajando", conta.

Veterinário vai ao Canadá

Concorrendo com profissionais de instituições de pesquisa de todo o País, o professor Guilherme de Paula Nogueira, 29 anos, do Departamento de Apoio, Produção e Saúde Animal da Faculdade de Odontologia do câmpus de Araçatuba, foi o vencedor do prêmio Jovem Cientista "Dra. P. K. Basrur". A premiação, anunciada no último dia 10 de julho, foi concedida pelo Colégio Brasileiro de Reprodução Animal, com sede em Belo Horizonte, Minas Gerais, e consiste numa viagem de uma semana ao Canadá. Lá, Nogueira conhecerá um dos centros de pesquisa da Universidade de Guelph, onde trabalha Basrur, pesquisadora de renome internacional na área de reprodução animal.

Para o veterinário, essa premiação foi um grande incentivo. "Além do reconhecimento em si, vou aprender novas técnicas na área de quantificação de hormônios, que serão extremamente úteis em minhas pesquisas", explica. Nogueira recebeu o prêmio por indicação da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia da USP, onde apresentou a pesquisa de mestrado premiada e onde realiza seu doutorado.

Carteirinha "estica" mesada

Aceita em diversos países, promove descontos de até 30%.

Se você tem dez anos ou mais e está matriculado em um curso reconhecido pelo MEC, pode economizar alguns trocados de sua mesada sempre que for a lanchonetes, restaurantes, cinemas, estádios de futebol, hotéis, farmácias, videolocadoras ou vários outros estabelecimentos comerciais. Basta, para isso, associar-se à ISIC (sigla inglesa para Carteira Mundial do Estudante), através da STB (Student Travel Bureau), empresa nacional que comercializa produtos para jovens e estudantes. Criado em 1968, em Copenhague (Dinamarca), e reconhecido pela UNESCO, o programa, aceito em diversos países, é um verdadeiro ovo de Colombo. "O estudante estica suas economias e os lojistas, que nada pagam para se conveniar, comprometendo-se apenas em fazer promoções, ganham um novo público consumidor", lembra Larissa Caleiro, representante da STB em Ribeirão Preto. Os descontos nos estabelecimentos afiliados variam entre 10 e 30%.

Monica Richter

BENEFÍCIOS
Gerson Tung, do DCE: iniciativa bem-vinda

Para conseguir a carteirinha, o candidato deve enviar uma foto 3 x 4, um comprovante de escolaridade e uma cópia do RG, além de pagar R$ 10,00 de anuidade. Isso pode ser feito pessoalmente ou por intermédio das entidades acadêmicas. A STB remete trimestralmente aos associados um boletim com os locais onde a carteirinha é aceita. "Estamos com 150 mil associados e pretendemos chegar a um milhão até o final de 1996", planeja Larissa. Na opinião de Gerson Tung, um dos coordenadores do Diretório Central dos Estudantes (DCE) "Helenira Resende", da UNESP, a iniciativa da STB é bem-vinda. "A ISIC complementa os benefícios da carteirinha da UNE, restrita geralmente a cinemas, teatros e campos de futebol", avalia. Os diretórios acadêmicos de alguns câmpus da UNESP também fornecem carteirinhas semelhantes à da ISIC, mas que só podem ser usadas nas cidades onde são expedidas.

Maiores informações com Adriana, Dora ou Alexandre, pelo telefone (011) 816-1500, no escritório da STB em São Paulo, ou (016) 636-6064, no escritório do interior, em Ribeirão Preto.

Metaleiros da música erudita

Monica Richter

SOPROS SONOROS
***Quinteto de Metais*, do IA: alegria e irreverência**

Há cerca de um ano, o Instituto de Artes da UNESP ganhou o seu oitavo grupo musical*, ao mesmo tempo em que o Estado de São Paulo passou a contar com o único conjunto integrado exclusivamente por instrumentos de sopro. Afiado em mais de vinte apresentações nos câmpus da Universidade e em vários recitais em São Paulo, o *Quinteto de Metais* tem surpreendido músicos e ouvintes onde quer que se apresente. "Esses meninos têm muito talento", avalia o maestro Carlos Kaminsky, professor do IA e coordenador do Programa de Atividades Culturais (PAC), da UNESP.

Além da competência com que sopram trompetes, trombone, trompa e tuba, os meninos, todos alunos de Composição e Regência do curso de Música do IA e integrantes da Banda Sinfônica Juvenil do Estado e Orquestra Sinfônica Experimental de Repertório de São Paulo, surpreendem também pela alegria e irreverência com que se apresentam. "Queremos romper um pouco com essa seriedade que costuma cercar as apresentações de música erudita", diz o trompista James Jun Yamauti, 26 anos. Mas nem só de música clássica vive o grupo. No repertório do quinteto cabem igualmente blues, jazz, spirituals e uma vasta amostragem de música barroca e renascentista, além de exemplos pinçados em meio à música negra de origem religiosa do início do século.

Formado em setembro do ano passado, "meio de brincadeira", o grupo acabou chamando a atenção de Kaminsky e do diretor do IA, o percussionista John Boudler. Daí para sua oficialização, foi um pulo. Além de Yamauti, integram o *Quinteto de Metais*: Fábio Korsakov, 23 anos, e Hugo Teruo Miura, 19 anos, nos trompetes; Emerson Martins, 22 anos, no trombone, e Sidnei Silva Rosa, 28 anos, na tuba. O sonho de todos eles ecoa em uníssono: tornar mais conhecidos e numerosos os grupos de metais e, claro, gravar um CD.

* Os outros sete grupos são: *Orquestra de Câmara da UNESP, Café Jam, Madrigal UNESP, Talis Duo UNESP de Violão, Recital de Violão, Grupo de Percussão da UNESP e Grupo Percutix.*

A nova (des) ordem mundial

Seminário internacional discute os benefícios e malefícios trazidos pela globalização

Celso Góes e Waltair Martão

Paola Ziberman

À medida que nos aproximamos do terceiro milênio, os sinais da globalização se tornam mais e mais evidentes. Esse fenômeno, que os cientistas sociais têm definido como a internacionalização das relações econômicas e sociais, vem causando profundas transformações na sociedade — transformações para o bem e para o mal. A perda da identidade nacional e o fim do Estado-Nação são dois exemplos traumáticos dessas mudanças, que se acentuaram após a queda do Muro de Berlim e o colapso da União Soviética. A partir desse momento, o mundo deixou de viver sob a influência nítida de dois blocos distintos: o Ocidental, capitalista, e o Oriental, socialista. Com isso, o sistema capitalista não encontrou barreiras para expandir suas fronteiras planeta a fora. Na Rússia atual, mastigar um *Big Mac* e empurrá-lo garganta abaixo com uma Coca-Cola, por exemplo, tornou-se, da noite para o dia, tão natural como sorver um cálice de vodca. Mas o resultado desse domínio capitalista, onde as nações desenvolvidas, agrupadas em grandes blocos econômicos, praticamente controlam os países em desenvolvimento, tem lá, segundo os especialistas, as suas vantagens. Para alguns, é verdade, a globalização provocaria desemprego, migração maciça do homem rural para os centros urbanos e a fuga de capitais para as bolsas de valores. Para outros, a globalização aproximaria as pessoas, permitiria o acesso às mais variadas informações e terminaria com as fronteiras geográficas. Resta saber, por fim, se o processo de globalização do planeta é definitivo, se a distância que separa ricos e pobres continuará aumentando e se as fronteiras entre os países, de fato, desaparecerão, deixando surgir, se não o paraíso terrestre, pelo menos um mundo melhor do que o que está aí.

Para discutir questões como estas, a Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) do câmpus de Marília organizou na cidade, entre os dias 18 e 21 de setembro, o *Seminário Internacional Globalização, Regionalização e Nacionalismo*. O evento, concluído no dia 25 do mesmo mês, no prédio da Reitoria, em São Paulo, contou, entre os participantes, com cientistas sociais, filósofos, sociólogos, economistas e historiadores ligados a instituições do Brasil, França, Estados Unidos e Itália — o que, de certa forma, tornou o debate também globalizante. "Seminários como este se justificam no momento em que a internacionalização da produção e das finanças força os Estados nacionais a reverem sua soberania", analisou a coordenadora do seminário, a historiadora Flávia Arlanch Martins de Oliveira, do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da FFC. "Precisamos discutir estas transformações e compreender o papel dos marginalizados, das minorias étnicas e das culturas locais neste contexto."

Presente ao evento, o reitor da UNESP, Arthur Roquete de Macedo, frisou, na cerimônia de abertura, que a universidade pode, e deve, ter participação ativa nestas transformações, uma vez que é espaço privilegiado para a reflexão crítica das reformas sociais. "Precisamos, porém, rever algumas posições ideológicas, que nos têm afastado da sociedade, determinando procedimentos que limitam a parceria entre o setor produtivo e o acadêmico", avaliou. "Essa parceria deve visar também o aspecto social, e não apenas o mercantil."

ENSAIO DO VAZIO

O evento foi organizado sob a forma de mesas-redondas, que procuraram discutir a globalização sob vários aspectos. Abrindo os debates, o sociólogo Octavio Ianni, da Unicamp, afirmou estarmos diante de uma ruptura histórica de grandes proporções, "tão forte, tão generalizada, que muitos preferem fazer de conta que nada acontece". Ianni entende que o processo de globalização não é simplesmente econômico, mas também social, político e cultural. Esta abrangência, segundo ele, causa uma problemática dolorosa, provocando perda de identidade, fragmentação e agravamento das contradições sociais nas nações. "Apesar do caos e da concentração de riqueza, o mundo está ordenado sistemicamente", reflete. O sociólogo defende que cabe aos cientistas descobrir as soluções que acabem com a pobreza, a miséria e o desemprego estrutural. "Não estamos aqui para defender os interesses de mercado ou das transnacionais."

O economista Gilberto Dupas, do Instituto de Estudos Avançados (IEA) da USP, compartilha o ponto de vista de Ianni. Falando sobre a formação de blocos econômicos, ele acredita que o mundo, "infelizmente", caminha para uma globalização irreversível de sua economia. Na opinião de Dupas, a economia global será comandada pelas grandes corporações internacionais, que dominarão a distribuição de produtos industriais e serviços. Ele cita, como exemplos, a Pepsi, que distribui refrigerante e pizza (Pizza Hut), a Nestlé, que controla alimentos, o McDonald's, que reina soberano na área de *fast foods*, e a IBM, que detém a maior fatia na área de informática. Estas corporações controlarão também as pequenas e médias empresas, impondo a elas modelos de procedimento. "Sobreviverão apenas as que satisfizerem as normas", acentuou o economista.

Referindo-se aos resultados práticos do processo de globalização, Gilberto Dupas lembrou que a economia moderna é extremamente includente, porque visa englobar o maior número possível de parceiros. "Mas também é excludente, na medida em que condena um grande contingente da população à margem da sociedade de consumo, rumo à miséria", ponderou. "Essas empresas transnacionais visam aprimorar cada vez mais a qualidade de produtos e de serviços, minimizando custos de produção e preços finais e procurando o maior retorno do montante investido, diminuindo a mão-de-obra", acrescentou, lembrando, como exemplo, que as cinco maiores corporações do planeta — GM, Ford, Epson, IBM e GE — lucram, juntas, 500 bilhões de dólares por ano, cifra equivalente ao produto interno bruto brasileiro.

O filósofo italiano Giacomo Marramao, da Universidade de Nápoles e do Instituto Lelio Passo, da Itália, cerrou fileiras com Dupas. "É um cenário dramático, de desemprego, de perda de identidade e assinalado pela distância abissal entre países ricos e pobres", declarou. Durante sua exposição, sobre o poder político e globalização, Marramao, que teve seu livro *Poder e Secularização* lançado há pouco pela Editora UNESP (*leia artigo sobre o filósofo e resenha de sua obra à página 9*), afirmou que esse cenário se caracteriza por poderes transnacionais, que produzem uma crise vertical de soberania. "Como resultante, a democracia se encontra numa situação nova, que pode ser definida como o ensaio do vazio." Segundo ele, pela primeira vez a democracia tem que desenvolver-se e encontrar soluções para obstáculos exteriores, que surgiram depois da queda do Muro de Berlim.

INTERFERÊNCIA ESTATAL

Ao contrário do pessimismo de Dupas, a economista francesa Susanne de Brunhoff, do Conselho Nacional de Pesquisas Científicas da França, garante que ainda é cedo para se afirmar que a globalização é geral e irreversível. De acordo com a estudiosa, os Estados ainda interferem, sim, na economia. "Considero impossível falar em globalização da produção, pois ela é sempre localizada, e o salário recebido pelo trabalhador também representa uma realidade local." A criação de zonas econômicas homogêneas também é vista com reserva pela economista francesa. "Na Ásia, alguns países vivem mais em função do dólar, uma moeda ocidental, do que do yene, a forte moeda japonesa", exemplifica Susanne.

Mesmo sem poder participar diretamente do seminário, o cientista social Jean Lojkine, da Escola de Altos Estudos em Ciências, da França, contribuiu com as discussões por intermédio de um texto, lido durante o evento. "Vivemos uma fase que podemos chamar de 'revolução informacional', que se opõe à revolução industrial, marco do desenvolvimento mundial do capitalismo desde o século XVIII", anotou. Para Lojkine, a revolução tecnológica ficou mais centrada em um setor específico da economia, a indústria. "A revolução informacional, por sua vez, abrangeu todos os setores econômicos, incluindo os de atividade humana, e não apenas os do campo profissional", esclareceu. É, em seu entender, o caso do computador, que objetiva certas funções abstratas do cérebro, como a memória ou o tratamento complexo de certas informações, enquanto a máquina-ferramenta materializa o trabalho com a utilização da mão.

Crítico contumaz do processo de internacionalização, o historiador Jacob Gorender, do Instituto de Estudos Avançados da USP (IEA), afirmou, na primeira das suas duas conferências (*veja quadro à pág. 8*), que a globalização — termo instituído pelo americanos — nada mais é do que a aceleração do antigo processo de internacionalização do capitalismo, que foi a ideologia que constituiu uma unidade planetária desde o período dos descobrimentos. "O Brasil é resultado dessa internacionalização", assegurou Gorender. "Criam-se novos empregos, que exigem melhor qualificação, enquanto outros são suprimidos."

Acusar simplesmente a tecnologia como responsável pelo processo de exclusão social não é, segundo Gorender, a análise mais correta. Para ele, excluir não é o objetivo das novas tecnologias, como o computador, a fibra ótica e o satélite, mas resultado do modo como o capitalismo as utiliza. "Se, na revolução industrial, o homem libertou-se de trabalhos pesados, hoje é poupado de tarefas intelectuais estafantes e tem seu potencial criativo efetivamente aumentado." Na opinião de Gorender, o Estado, como nação, corre o risco de perder suas funções neste mundo globalizante. O capital financeiro atual criaria instabilidades, impossibilitando o Estado de interferir. "O processo é desigual e afeta desigualmente a todos", avalia. "Teremos países cada vez mais ricos e outros, como o Brasil, cada vez mais pobres."

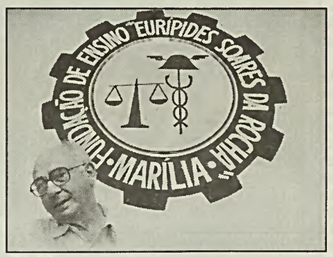
RUMOS DO MERCOSUL

O Mercosul, recente acordo de cooperação econômica firmado por Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai, também foi assunto de debates durante o seminário. As discussões tiveram dois direcionamentos básicos. Um deles, apresentado pelo cientista social e pesquisador Geraldo Müller, do Departamento de Ciências Sociais do Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE) do câmpus de Rio Claro, vislumbra o Mercosul como uma experiência regional de globalização, uma tentativa de recuperação da democracia na América Latina. "Os quatro países devem ter entre si, e com as outras nações latino-americanas, um poder de negociação diante da aceleração da globalização, especialmente frente ao pan-americanismo dos Estados Unidos", apregoou. Mas, antes, no entender de Müller, deve solucionar seus entraves. "A recente crise das quotas de automóveis entre Argentina e Brasil é um exemplo."

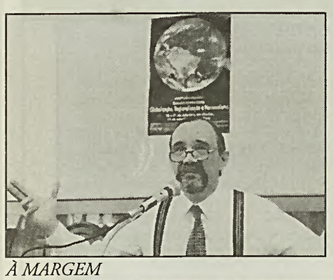
Outra linha de pensamento partiu de Suzeley Kalil Mathias, professora de Política do Departamento de Estudos Históricos Básicos da Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS) do câmpus de Franca. Para ela, o Mercosul implica o envolvimento de outros setores que não o comercial, como o político, o cultural e o social. Do ponto de vista das relações estratégicas, Suzeley vê a necessidade de "um plano enérgico de ação

Fotos Monica Richter

INTERNACIONALIZAÇÃO
A coordenadora Flávia: soberania revista



CAOS
Ianni: agravamento das contradições



À MARGEM
Dupas: grande contingente rumo à miséria

SOBERANIA
Vigevani: Estado-Nação perde status

Fotos Monica Richter

Mesa e platéia, em Marília: internacionalização

Abc da globalização

Pródiga em neologismos, a "nova ordem mundial" não só vem criando termos como também alterando o significado de várias palavras e expressões. O próprio tema do seminário de Marília foi uma prova disso:

Globalização — Termo cunhado pelos norte-americanos, significa, ao pé da letra, internacionalização das relações econômicas, sociais e políticas. A visão dos estudiosos sobre o conceito é polêmica. Alguns o entendem como um processo de adequação das dinâmicas nacionais a uma dinâmica preponderante no âmbito internacional, sem traumas. Outros acreditam que a globalização é a sofisticação máxima do sistema capitalista, portanto, violenta e traumática, gerando desemprego, interferindo nas culturas nacionais e abalando a soberania das nações.

Nacionalismo — Valorização do Estado como nação soberana. Com a globalização, o Estado perde sua legitimidade e vigor porque suas instituições básicas — soberania, estado social e defesa nacional — perdem poder. A idéia de pátria, assim, se dilui. Isso aparece claramente no comportamento de um alto executivo de corporação internacional, que se sente desobrigado de ser leal à pátria em benefício da empresa onde trabalha.

Neoliberalismo — Doutrina que ganhou espaço com o fim do bloco socialista. Tem como objetivo a manutenção do livre jogo das forças econômicas e a iniciativa dos indivíduos. Prega a privatização e a menor intervenção possível do Estado como gestor da economia.

Regionalização — Agrupamento de nações em blocos econômicos, numa tentativa de impedir que a globalização dissolva as instituições nacionais. Os Estados-Nações procuram arregimentar um certo poder para negociações com outros poderes no plano internacional. Exemplo de regionalização é o Mercosul, que tenta um acordo com a União Européia, para fazer frente ao Pan-americanismo dos Estados Unidos.

Sistêmico — Palavra que define os vários setores demarcados pelas corporações. Por exemplo, a informática controlada pela Apple/IBM.

Transnacionais — São as multinacionais de ontem, que eram facilmente identificadas a partir da origem de seus capitais. Com a globalização, várias empresas de grande porte se fundiram, criando as corporações transnacionais, que não têm seus capitais oriundos deste ou daquele país.

que implica, quando esgotadas todas as possibilidades, até o uso de força militar na defesa dos interesses dos países do Cone Sul". Mas ressalvou: "Uma cooperação militar deve significar algo mais do que um simples contato entre forças armadas". A cientista social entende que devem ser criadas iniciativas de coordenação e normatizações dos campos de defesa, de segurança e de operacionalidade militar, evitando-se assim que os países se hostilizem, como aconteceu até o fim da Guerra Fria.

O economista Paulo Alves Lima Filho, da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) do câmpus de Araraquara, por sua vez, preferiu criticar a posição do governo brasileiro com relação ao Mercosul e à globalização. "Nossas autoridades não levam a sério as transformações causadas pela globalização." Segundo ele, o modelo teórico usado pelo Itamaraty para a análise dessas mudanças é do ministro da Administração Federal, Luiz Carlos Bresser Pereira. "É um modelo endógeno, ou seja, analisa as questões apenas do ponto de vista interno e nos deixa a sensação de que a globalização não nos afeta internamente", censura.

INFLUÊNCIA CULTURAL

Neste mundo globalizado, como ficaria a cultura, a mais representativa identidade de um povo? Para o sociólogo e antropólogo Renato Ortiz, da Unicamp, a globalização da cultura erudita ou popular pode ser compreendida por meio do conceito *diglosia,* utilizado pelos lingüistas ao trabalharem com sociedades que empregam dois ou mais tipos de línguas. Ele citou o caso da África, onde se falam várias línguas e dialetos específicos a cada etnia, enquanto os Estados-Nação utiliza três idiomas oficiais — inglês, francês e português — para tratar da política e da administração pública. "Isso implica uma hierarquização, ou seja, a língua pública suplanta a local", explicou. Ortiz lembrou que esse conceito é muito sugestivo para falar de cultura no mundo contemporâneo. "Quando as pessoas se comunicam em inglês, falam uma língua transglósica, ou seja, o inglês como um idioma mundial, atravessando as diferentes culturas. Este fato, segundo ele, caracteriza a existência de uma cultura homogênea mundial, que tem muito a ver com o mercado. "Ela, porém, não acaba com as outras culturas", ponderou. O filósofo Wolfgang Leo Maar, da Universidade Federal de São Carlos, por seu turno, afirmou que a globalização é um processo capitalista e, portanto, mais social que técnico. "Essa formação social tem uma compulsão pela totalização, subordinando todas as diferenças às suas próprias normas."

Munido de vários dados estatísticos, o especialista em desenvolvimento e pesquisador do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, Carlos Lopes, abordou o tema "Movimentos sociais e globalização: tradição e modernização". Para Lopes, globalização nada mais é do que a intensificação de relações sociais que ligam localidades distantes de tal forma que os acontecimentos locais são marcados por eventos que acontecem em outros lugares distantes e vice-versa. "Este fenômeno traz uma mudança qualitativa para a vida das pessoas", salientou. "É um processo político, cultural, religioso e, principalmente, econômico."

A ampliação da cidadania e a boa inserção da economia brasileira no atual contexto capitalista internacionalizado parece que se harmonizam. Na realidade, porém, esta relação não existe. Não, pelo menos, na opinião do cientista político Lúcio Flávio Rodrigues de Almeida, da PUC de São Paulo, convidado a debater as relações entre nacionalismo e globalização. "O que ocorre no País é mais contradição do que harmonia entre esses dois projetos", defendeu. A chamada 'boa inserção' tem sido conduzida para atender aos interesses do grande capital, gerando índice crescente de desemprego. "Houve uma reversão dessa tendência no Plano Real, mas foi espasmódica." Agora, segundo Almeida, os indicadores sociais mostram condições de miséria crescente na maioria da população brasileira, a ponto de o País ter conquistado a 'Copa do Mundo' em matéria de desigualdade social. "Enquanto isso, os bancos brasileiros apresentam performance de fazer inveja aos banqueiros suíços e as empresas ligadas ao grande capital conseguem se modernizar, apresentando competitividade em vários setores da economia internacionalizada."

PODER POLÍTICO

Tullo Vigevani, do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da FFC, tratou com mais profundidade a questão da soberania nacional. "Esse conceito é alterado qualitativamente pela interdependência", comentou. O historiador acrescentou ainda que essa alteração significou, por parte do Estado-Nação, uma perda parcial de seu *status* de ator dominante e único da política mundial. O poder do Estado, segundo ele, foi debilitado pelo surgimento de novos atores internacionais. "Apesar desses novos atores, são os governos nacionais que controlam e regulam as relações transnacionais e interestatais."

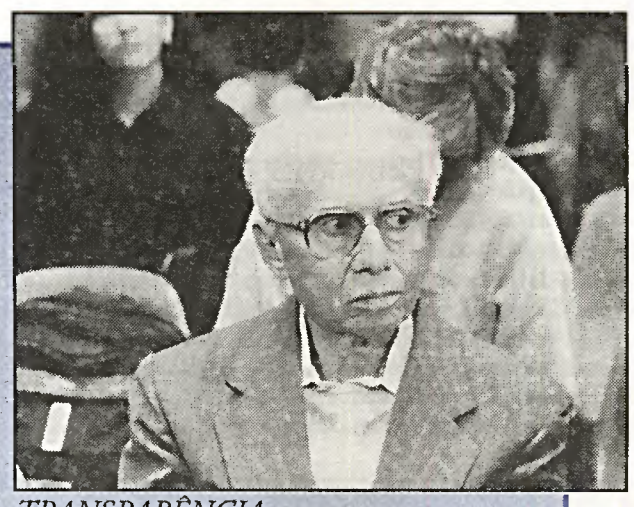
O filósofo Giacomo Marramao, falando sobre o Estado-Nação, disse também que a interdependência provoca uma crise no Estado de direito. "Na realidade, os direitos iguais mudam para direitos diversificados, impossibilitando a atuação dos Estados". Marramao acentuou ainda que, nessa situação, a crítica ao mercado globalizado é necessária, pois ele acaba com o mercado neutro, livre. Para ele, o mercado livre é um produto específico de um sistema de legislação soberana produzido pelo Estado. "A nova teoria democrática, no mundo contemporâneo, tem que se desenvolver no sentido de uma crítica dupla e simultânea: de estado e de mercado", resumiu.

Mesmo com os confrontos de idéias que permearam o evento — ou por isso mesmo —, palestrantes e platéia pareciam concordar, ao final, que ele abrira várias perspectivas para se pensar a globalização. "O próprio conceito de globalização foi motivo de grandes discussões", comentou a coordenadora Flávia de Oliveira. "Valeu sobretudo para conhecer o pensamento dos acadêmicos", emendou Geraldo Müller. Jacob Gorender, por sua vez, lamentou a ausência de alguns convidados estrangeiros, mas também elogiou a iniciativa da UNESP: "O seminário foi bastante oportuno, e a diversidade de opiniões que se viu nestes cinco dias é prova incontestável disso."

Crítico, claro, conciso: Gorender.

Ferrenho adversário da globalização ou, pelo menos, dos seus efeitos danosos sobre os países em desenvolvimento, Jacob Gorender acabou por se destacar entre os demais participantes do *Seminário Internacional Globalização, Regionalização e Nacionalismo* não só por suas posições políticas mas, também, pela maneira clara com que as colocou. Ao contrário de seus pares, às vezes emaranhados em discursos cifrados, Gorender pautou-se sempre por uma transparência avassaladora. "A globalização está promovendo a internacionalização da miséria, e só poderá ser contida se os excluídos se organizarem contra ela", disse. "O colonialismo, na Índia, na China ou no continente africano, não seria derrotado se os colonizados não lutassem por sua independência." Da mesma forma, o historiador acredita, o globalismo também estaria sendo justificado pelas grandes potências como um processo benéfico. "Mas ele deve ser questionado", enfatiza.

Apresentando-se como um "anti-capitalista convicto", Gorender lamentou que o sindicalismo, os partidos comunistas e outras forças representativas do proletariado tenham se tornado "classes perdedoras". Para ele, os partidos socialistas ou social-democratas, quando ganham eleições, aplicam programas neoliberais. "O mundo atual representa o triunfo do capitalismo, e a burguesia nunca foi tão vitoriosa." Bastante aplaudido, o historiador afirmou ser necessário que a classe trabalhadora, por intermédio de seus sindicatos, forme uma frente coesa capaz de enfrentar a globalização de igual para igual. "Só assim ela poderá combater com firmeza esse processo e deter a verdadeira sociedade de excluídos que ele está construindo."

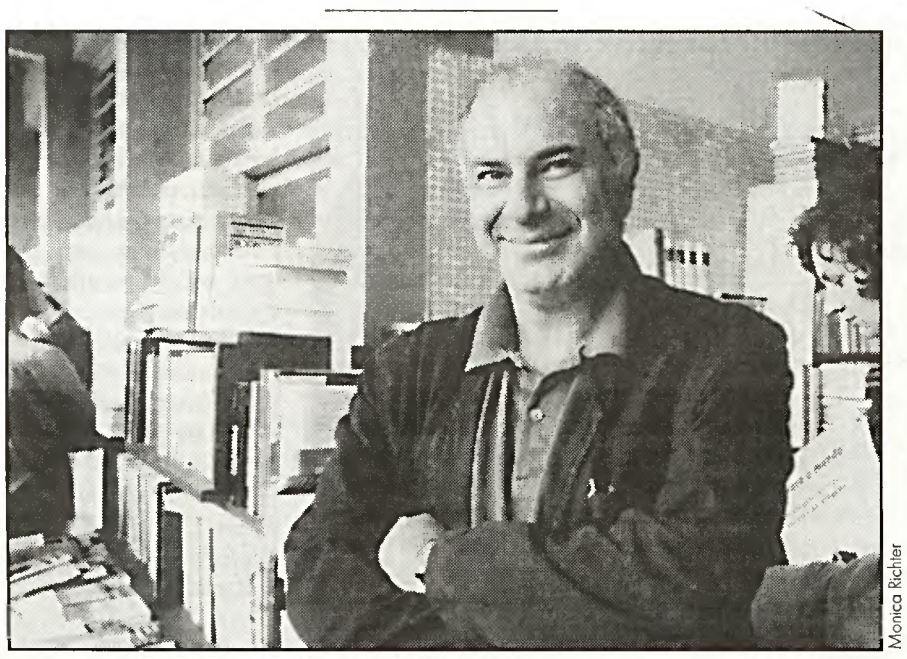


TRANSPARÊNCIA
Gorender: triunfo do capitalismo

Entre a política e a filosofia

Com refinamento e sutileza, Giacomo Marramao busca, em bases científicas, nova direção para a esquerda.

ALBERTO AGGIO



SOCIEDADE DE MASSAS
Giacomo Marramao: declínio da idéia de progresso

Monica Richter

Poder e Secularização — As categorias do tempo, de Giacomo Marramao. Tradução de Guilherme Alberto Gomes de Andrade; Editora UNESP; 347 págs.; R$ 29,00, com 25% de desconto para funcionários da UNESP.

O livro de Giacomo Marramao, *Poder e Secularização: As categorias do tempo*, é um vigoroso e fecundo exemplo das potencialidades de uma reflexão feita nos limites da fronteira entre filosofia e teoria social. Este belíssimo trabalho expressa uma rara combinação de sutileza de tratamento temático e busca de articulações analíticas, alicerçada num terreno fortemente adensado pela profunda especialização no campo da filosofia política.

Portador de um refinado controle dos termos do debate filosófico contemporâneo, Marramao não se deixa capturar pelas temáticas desencantadas do "pós-modernismo". Desde as primeiras páginas, não há dúvida sobre o que se está discutindo: trata-se de uma problematização acerca dos dilemas filosóficos e políticos da contemporaneidade através de uma reflexão crítica dos fundamentos modernos da tradição filosófica ocidental. Tarefa que implica a firme decisão intelectual de levar até à exaustão uma investigação que consiga apreender as categorias centrais que configuraram a modernidade.

Para Marramao, tais categorias podem ser examinadas através da *hendiadis* poder-secularização, orientada por uma determinada intuição do tempo. Por meio deste tratamento analítico da modernidade, Marramao explica o que entende por secularização. Em síntese, seria um processo que, distinguindo-se da laicização, conformaria a dimensão definidora da temporalidade do mundo moderno. Em outras palavras, o processo de secularização seria aquele que passaria a apontar para a normatividade da vida; historicamente, o processo que permitiria a passagem de um mundo fundado no desígnio sagrado para um mundo normatizado.

Compreende-se, assim, o sentido da *hendiadis* construída por Marramao: é esta precisa percepção do tempo — de um *tempo secularizado* — que funda a civilização ocidental moderna como aquela que visa permanentemente ultrapassar a si mesma. O mérito do autor está em nos esclarecer que a política moderna — com tudo o que ela tem de positivo e negativo — nasce e passa a ser uma prática intrínseca desta vivência do tempo. Consequentemente, não haveria, no Ocidente, uma normatividade concebida como "ordem estático-orgânica". Através de um procedimento metacrítico, vem à luz a idéia de que esta normatividade "pressupõe e requer o conflito e a instabilidade". Por esta razão, o acesso à compreensão deste mundo somente se tornaria possível, de acordo com Marramao, por meio de "uma reconstrução genealógica das figuras da 'historicidade' que acompanharam a gênese e as metamorfoses não apenas do conceito de Progresso, mas também de outros dois conceitos por excelência metapolíticos da modernidade: 'libertação' e 'revolução'".

O caminho escolhido pelo autor levou-o a perseguir tal reconstrução elegendo como central a categoria política do antagonismo. Antes e sobretudo porque esta alude fundamentalmente às formas das sociedades modernas (isto é, ao "campo relacional de estruturas dotado de uma lógica própria") e à morfologia dos seus conflitos político-sociais. Através deste tipo de análise, Marramao pôde revisar, em alguns capítulos do livro, tanto a trajetória da esquerda, quanto o advento e solidificação da sociedade de massas e o declínio da idéia de progresso. Como interlocutores, o autor elegeu principalmente Weber e Luhmann para discutir mais detidamente sobre os sentidos de estrutura e tempo, da mesma maneira que fez com Carl Schmitt a propósito do conceito de Estado.

As conclusões de Marramao não são menos definitivas: qualquer análise da política moderna demanda uma metacrítica. Necessita, antes de tudo, extrair da história — neste momento de hipertrofia da complexidade — uma dimensão de "temporalidade catastrófica" que possa valorizar o tempo presente em detrimento do tempo progressivo da modernidade. Esta leitura do tempo como "catástrofe", contraditando a circularidade e a linearidade, seria então aquela que mais decisivamente poderia captar as metamorfoses da política moderna, inclusive aquelas referentes ao momento da hipercomplexidade em que nos encontramos.

Por tudo isso, *Poder e Secularização* não é um livro desinteressado. Ele revela o enorme esforço que significa trabalhar no sentido de buscar, através de bases científicas, uma nova direção para a esquerda, sem compartilhar, contudo, uma noção pretérita de política que insiste em se iludir com o controle do futuro.

Alberto Aggio é professor de História da Faculdade de História, Direito e Serviço Social do câmpus de Franca.

A emancipação do homem no mundo globalizado

MILTON LAHUERTA

A presença do filósofo italiano Giacomo Marramao no Brasil, a convite da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e da Editora UNESP, foi um acontecimento pleno de significado. Participando de um conjunto de atividades (cursos, conferências e mesas-redondas) em diversos câmpus, Marramao, além de recuperar temas abordados no livro *Poder e Secularização* (*leia resenha acima*), tratou também, em suas intervenções, das conexões entre a teoria da modernidade e os dilemas da democracia contemporânea face ao fenômeno da globalização.

Para ele, a modernidade ocidental expressa o paradoxo de uma singularidade cultural que, em condições materiais determinadas, se universalizou e dominou o mundo, instaurando uma experiência centrada na aceleração do tempo e instituindo um sentido à história para o qual o valor do presente é ser sacrificado às tendências futuras. A idéia básica é a de que o tempo é liberador no sentido material e que é possível prever e controlar o futuro.

Marramao insiste quanto à validade da idéia de projeto a partir da noção de presente. O ângulo escolhido para criticar o presente enfatiza que a globalização não é, por si só, nem homologante, nem liberadora. Mas, pelo contrário, um processo que abre possibilidades inéditas para a humanidade, ao mesmo tempo em que a coloca *vis a vis* a uma crise de soberania política pavorosa, que comporta uma dimensão externa (manifesta no fenômeno da globalização da economia) e uma dimensão interna (com a multiplicação de processos de localização e regionalização). Suas conseqüências, além da pluralização de poderes sociais e institucionais, são a destruição do Estado de Direito, a corrupção e a generalização de práticas ilegais .

O enfrentamento dessas questões implica a superação do horizonte conceitual estabelecido durante o processo de constituição do Estado Nacional. Tanto a tradição liberal quanto a marxista, consideraram o Estado como a única fonte do direito. Hoje, trata-se de pensar em outras fontes, de valorizar associações livres que recuperem o "direito à resistência" e de incentivar instituições transnacionais de defesa de direitos.

Na análise de Marramao, tomar a democracia como um valor implica o abandono da idéia rousseauniana da identidade, radicalizando a perspectiva que pensa a democracia como diferença. O que requer o questionamento do "universalismo ocidental" : neutralizador e assexuado nas intenções; machista e etnocêntrico nos resultados. Valorizar o imperativo da diferença não implica cair num genérico pluralismo que vê cada diferença como fechada em si mesma, resultando numa sociedade de guetos que não se comunicam entre si. Sua proposição é a da democracia como comunidade paradoxal, como comunidade dos sem comunidade. Reconhecendo que a modernidade instituiu a experiência do desenraízamento universal, Marramao dá ênfase à constituição de uma estrutura capaz de acolher o frágil, o débil, o contingente. Talvez este seja o caminho possível para pensar a emancipação humana num mundo globalizado.

Milton Lahuerta é professor de Teoria Política da Faculdade de Ciências e Letras do câmpus de Araraquara.

DIVULGAÇÃO I

O *Guia*, no *Zap!* Para todo o País.

Suplemento do *Estadão* encarta publicação para vestibulandos

Preocupada em ajudar os jovens na difícil hora da opção por um curso universitário, a UNESP lançou a quarta versão do *Guia de Profissões*, com a descrição das 46 carreiras de nível superior que oferece. A novidade, neste ano, ficou por conta da forma da publicação. O *Guia* foi editado em dois volumes encartados no caderno *Zap!*, do jornal *O Estado de S.Paulo*. O primeiro volume foi distribuído na quinta-feira, dia 21 de setembro, e o segundo, uma semana depois, no dia 28. A tiragem total do *Guia* foi de 480 mil exemplares em cada edição; um total, portanto, de 960 mil exemplares.

"O *Estadão* foi o jornal que nos apresentou a melhor relação custo/número de exemplares colocados em circulação", justifica o assessor-chefe da Assessoria de Comunicação e Imprensa (ACI) da UNESP, José Roberto Ferreira. Além dos 430 mil *Guias* encartados no jornal, foram impressos outros 50 mil como reparte para a Vunesp, que bancou a publicação. "Esses exemplares foram distribuídos em cursinhos e escolas de 2º grau", explica o diretor-presidente da Vunesp, professor Carlos Vanni.

Noélio Ipê

CIRCULAÇÃO NACIONAL
O *Guia de Profissões*, nas bancas: 430 mil exemplares

Cada edição do *Guia* teve 32 páginas, em formato tablóide e papel jornal. O miolo foi impresso em preto e branco e as primeira e quarta capas, em cor. O primeiro volume contém, além do perfil de 23 carreiras, uma reportagem sobre a escolha profissional, com dicas de especialistas como pedagogos e psicólogos, a definição das características de cada uma das áreas do conhecimento — Exatas, Humanas e Biológicas —, a descrição do vestibular e o calendário das provas, chamadas e matrículas.

No segundo volume, além de outras 23 carreiras, o *Guia de Profissões* traz matéria apresentando a UNESP e outro texto, com a opinião de empresários a respeito de tendências do mercado e as qualidades mais valorizadas nos profissionais. Os dois volumes incluem ainda a relação dos postos de inscrição e locais de venda do manual do candidato. "Com essa nova forma de publicação, encartada em um jornal de circulação nacional como o *Estadão*, conseguimos atingir um público bem maior que nos anos anteriores", finaliza Ferreira.

DIVULGAÇÃO II

No ar, algo mais que opções de carreira.

Jovem Pan e Transamérica informam sobre Vestibular

Os ouvintes das grandes capitais brasileiras e principais cidades do Estado que sintonizarem o rádio na Jovem Pan AM ou Transamérica FM ouviram informes valiosos sobre a UNESP e, especificamente, a respeito de seu vestibular, cujas inscrições se encerraram no dia 11 de outubro. A Universidade, em parceria com o Banco Real, está produzindo o programa *Rede UNESP-Vestibular 96*, que traz informações sobre os cursos oferecidos pela UNESP, as cidades onde se localizam seus câmpus, inscrições e matrículas, entre outras dicas. Os programas foram divididos em três fases; a primeira, foi de 4 de setembro a 11 de outubro; a segunda será de 4 a 22 de dezembro, e a última, nos dias 7, 8, 23 e 24 de fevereiro próximo, quando estarão sendo divulgados os resultados dos exames e as listas de aprovados.

Segundo o diretor do programa, Sandoval Nassa, a Universidade não terá nenhum ônus com a iniciativa. "O Banco Real está financiando todo o projeto, no valor de R$ 210 mil", revela. Para Fernando Nunes Vieira, diretor regional do Banco Real em São Paulo, uma iniciativa voltada à orientação no momento da opção por uma carreira de nível superior casa perfeitamente com os objetivos do Programa Universitário desenvolvido por sua instituição. "Pretendemos motivar os jovens preocupados com educação e cultura, pois eles serão o futuro de nossa sociedade", considera.

As gravações, montagens e entrevistas com os diretores de unidades e coordenadores de cursos, entre outros membros da comunidade, são feitas nos estúdios da Rádio UNESP, em Bauru. A escolha do rádio, segundo Nassa, se deve ao fato de ser esse veículo a primeira opção de lazer dos jovens. "Para esses estudantes, é bastante natural receber informações sobre o vestibular pelo rádio."

Na Transamérica FM, as informações são veiculadas em três blocos de 1 minuto, durante o programa *Epidemia*, das 12 às 13 horas. Na Jovem Pan AM, o programa, de 3 minutos, vai ao ar por volta das 13h50, dentro do *Nosso Jornal*. "Com esses dois veículos, pretendemos atingir, respectivamente, o público jovem e os pais dos vestibulandos", justifica o radialista José Mombelli Júnior, redator dos programas.

POSSE

Instituto de Biociências tem novo diretor

Metas são busca de recursos e integração com a comunidade

Osvaldo Aulino da Silva e José Chaud Netto são, respectivamente, os novos diretor e vice-diretor do Instituto de Biociências (IB) do câmpus de Rio Claro. A cerimônia de posse aconteceu no anfiteatro do IB, no dia 6 de setembro último, com a presença do reitor Arthur Roquete de Macedo e de membros da comunidade local. Silva e Chaud Netto substituem o diretor Sérgio Nereu Pagano e o vice Nilton José Hebling.

Segundo Silva, está entre os seus planos de gestão integrar ao máximo a comunidade para que ela contribua na divulgação do nome da unidade e tome o IB cada vez mais conhecido no Estado. "Pretendemos estabelecer também convênios com empresas e prefeituras, buscando recursos para o desenvolvimento de projetos", completa.

Osvaldo Aulino da Silva, 45 anos, nasceu em Rio Claro. Formou-se em Ciências Biológicas na antiga Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da cidade, em 1975. Já no IB, tornou-se mestre em 1981, defendendo sua dissertação na área de Biologia Vegetal. Depois de passar uma temporada nos Estados Unidos, voltou ao Instituto para defender sua tese de doutorado, em 1989, também na área de Biologia Vegetal. Silva, que está concluindo sua tese de livre-docência, é professor da unidade desde 1977, onde dá aulas para a graduação e pós-graduação.

Monica Richter

NOVA GESTÃO
Chaud Netto e Silva: vice e diretor do IB

RESUMO

NOVA ÁREA DE CONCENTRAÇÃO

A Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias do câmpus de Jaboticabal oferecerá, a partir de março de 1996, uma nova área de concentração no seu curso de pós-graduação em Agronomia, criado em 1976. Denominada "Uso e manejo do solo e da água", a nova área foi aprovada pelo Conselho Universitário em reunião do dia 18 de agosto último. "Serão dez vagas em nível de mestrado e cinco em doutorado, abertas a engenheiros agrônomos e profissionais de áreas afins, como a engenharia rural e a florestal", afirma o professor José Frederico Centurion, membro da comissão de implantação do curso.

REABILITAÇÃO ORAL

O Conselho Universitário aprovou, em reunião no último dia 18 de agosto, a criação do curso de pós-graduação em Reabilitação Oral, área de concentração "Prótese", a ser oferecido pela Faculdade de Odontologia do câmpus de Araraquara. "Nosso objetivo é capacitar docentes nas áreas de prótese total, fixa e removível", explicou o professor Marco Antônio Compagnoni, futuro coordenador do curso. As primeiras dez vagas serão oferecidas no início de 1996, em nível de mestrado. "O curso de doutorado terá início em 1998", completou Compagnoni.

TERCEIRA IDADE

A Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT) do câmpus de Presidente Prudente é a primeira unidade da UNESP a abrir vagas para pessoas da terceira idade. A iniciativa atende um dos objetivos do Projeto Sênior, programa criado em janeiro de 1994 pela Pró-Reitoria de Extensão Universitária e Assuntos Comunitários (Proex), para estreitar o relacionamento entre a Universidade e o idoso. No primeiro semestre de 1995, cerca de 50 disciplinas (anuais e semestrais) de seus sete cursos dispunham de vagas para pessoas maiores de 50 anos e com pelo menos o segundo grau completo, sem a necessidade de passarem por prova vestibular. "Tivemos 30 inscritos e todos eles foram assíduos, demonstrando interesse pelas atividades acadêmicas", comenta Regina Espigarolli, representante da Comissão de Extensão e Assuntos Comunitários da FCT.

REDE TEM NOVO ESCRITÓRIO

O Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) do câmpus de São José do Rio Preto é a mais nova unidade a contar com um escritório regional da Rede UNESP/CEETPS. Inaugurado no final de agosto último, o escritório será coordenado pelo professor José Márcio Machado, do Departamento de Ciências da Computação e Estatística do Ibilce. O escritório já conta com o banco de dados da Rede, com a relação de docentes e pesquisas da Universidade e do CEETPS, um instrumento importante para agilizar a formação de novas parcerias com empresas.

CEVAP GANHA SEDE

O Centro de Estudos de Venenos e Animais Peçonhentos, Cevap, criado em 1989 e elevado a unidade complementar do câmpus de Botucatu quatro anos depois, acaba de ganhar sede própria. O prédio, com 800 m² de área construída, próximo ao Biotério Central, foi inaugurado no dia 4 de setembro último. Na construção se acomodam oito baias, com capacidade para abrigar até mil serpentes, além de um laboratório para pesquisas e extração de venenos e um prédio, onde funcionam o quarentenário — local onde as serpentes recém-chegadas ficam de quarentena — e a administração. "Até então, tínhamos que improvisar locais para guardar nossos animais e realizar pesquisas", conta Benedito Barraviera, diretor do Cevap. "Daqui para a frente, nossa produção científica será menos limitada", aposta.

AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS PELAS UNIDADES DURANTE O MÊS DE OUTUBRO

ARARAQUARA

• 02 a 31/10. Inscrições para o curso **Ortodontia Preventiva** (atualização). Teórico, prático e laboratorial. Na Faculdade de Odontologia (FO). De 12 a 17/11, das 8h às 22h. Informações (016) 232-1233, ramal 136.

• 04/10 a 29/11. Gestão da **Qualidade Total e ISO 9000**. História, conceitos, garantia e controle estatístico da qualidade. Na Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF). Informações (016) 232-0200, ramal 272.

• 06 e 07/10. I Jornada de **Hematologia** de Araraquara. Dia 06, às 20h, "Incompatibilidade materno-fetal". Dia 07, às 8h, "Avanços em terapêutica transfusional"; às 9h30, "Autotransfusão"; às 10h45, mesa-redonda "Diagnóstico diferencial das anemias". Presenças de Marco A. Zago e Dimas T. Covas. Na Casa do Médico. Promoção da FCF. Informações (016) 232-1233, ramal 153.

• 23 a 29/10. Semana do **Livro e da Biblioteca**, por Natalina Lambini Escramin, Maria Irani Coito e Sônia M. A. Scuteri. Na FCF. Informações (016) 232-0200, ramal 232.

• 23 a 28/10. XXV Semana da **Química**. Entre os cursos, "Gestão pela qualidade total", "Espectroscopia ótica em sólidos" e "Polímeros termoplásticos". No Instituto de Química (IQ). Informações (016) 232-2022.

BAURU

• 16 a 20/10. Semana de **Licenciatura em Física**. Dia 16, "O que é ensino de Física", por Roberto Nardi. Dia 17, "O papel dos experimentos de laboratório no ensino de Física", por Jorge Cisneros. Dia 18, "A relação entre pesquisa e ensino em Física", por Moysés Nussenzveig. Dia 19, "O papel do licenciado em ciências", por José M. F. do Vale. Dia 21, "O papel do físico na sociedade", por Gilmar da C. Marques. Das 21h às 23h. Na Faculdade de Ciências (FC). Informações (0142) 30-2111, ramal 136.

• 16 a 21/10. Semana da **Biologia**. Aberto a alunos de graduação. Na FC. Informações (0142) 30-2111, ramal 123.

• 11 a 13/10. Período de inscrição para o Curso Básico de **Autocad R.12** (extensão). Entre 16/10 e 07/11. Na Faculdade de Engenharia e Tecnologia (FET). Informações, (0142) 30-2111, ramais 148 e 248.

• 18 a 20/10. II Simpósio de **Engenharia de Produção** - Qualidade e Produtividade na Indústria da Construção. Entre os temas, "Gerenciamento da qualidade e produtividade" e "Elaboração, avaliação e controle de projetos". Na FET. Informações (0142) 30-2111, ramal 137.

• 22 a 25/10. V Simpósio Nacional de **Controle de Erosão**. Entre os temas, prevenção e combate das erosões urbana e rural. Na FET. Informações (011) 268-2211, ramal 643, e (0142) 30-2111, ramal 195.

BOTUCATU

• 15 a 18/10. XIX **Jornada Científica** da Associação dos Docentes do Câmpus de Botucatu. Dia15, às 20h, abertura oficial. A partir do dia 16, das 14h às 18h, cursos e conferências sobre lei das patentes, Mercosul, viroses, carcinogênese, imunologia, estresse e desenho científico. Entre os palestrantes, Masae Tatematsu (Japão), Suzana Cardarelli (Argentina) e Gerard Chuzel (França). No Instituto de Biociências (IB). Informações (0149) 21-3306.

FRANCA

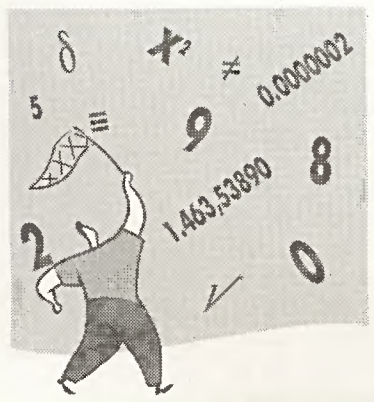
• 23 a 26/10. X Semana do **Serviço Social**. Dia 23, às 19h30, "Neoliberalismo e políticas sociais", por Eneida Haddad. Dia 24, das 9h30 às11h30, sessão de comunicações; das 14h às 17h, workshop; às 19h30, painel "As políticas sociais nas diferentes correntes teórico-metodológicas do Serviço Social", com Ivone Batuli, Israild G. Chinali e Maria das Graças Gouvêa. Dia 25, das 9h às 11h, workshop; das 14h às 17h, comunicações; às 19h30, palestra "Estado democrático, neoliberalismo e movimentos sociais", por Maria da Glória Gohn. Dia 26, das 9h às 11h, workshop; das 14h às 17h, comunicações; às 19h30, "Neoliberalismo, estado democrático e as práticas do serviço social", por Maria L. Martinelli. Na Faculdade de História, Direito e Serviço Social (FHDSS). Informações (016) 722-6222.

ILHA SOLTEIRA

• 04/10 a 29/11. VIII Ciclo de Seminários da **Agronomia**. Dia 04, "Evolução e perspectivas da agropecuária na região de Ilha Solteira", por Antonio N. Hespanhol. Dia 25, "Pragas da seringueira no Estado de São Paulo", por Marineide de Andrade. Dia 8/11, "Melhoramento de Soja", por Natal A. Vello. Dia 9/11, "Perspectivas do melhoramento do milho no Brasil", por José B. de M. Filho. Dia 29/11, "Plásticos; Aplicações e perspectivas", por Walter K. Sakamoto. Das 16h às 18h. Na Faculdade de Engenharia (FEIS). Informações (018) 762-2179.

• 16 a 20/10. Seleção e Especificação de **Mancais de Rolamento e Deslizantes**. Das 8h às 18h. No Departamento de Engenharia Mecânica da FEIS. Informações (0187) 62-3113, ramal 138.

JABOTICABAL



• 12 a 15/10. IX **Congresso Estudantil** da UNESP. O tema será "Ensino, Pesquisa e extensão: Por Quê?". Painéis, grupos de debates, eventos culturais e plenária. Das 8h às 18h. Na Faculdade de Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). Informações (0163) 22-2877.

• 26 e 27/10. **Leprose dos Citros**. Entre os temas, "Histórico e situação da leprose no Brasil" e "Aspectos biológicos e ecológicos do *Brevipalpus phoenicis*". Das 8h30 às 18h. Na Estação Experimental de Citricultura de Bebedouro. Informações (0163) 23-1322 e (0173) 42-2612.

• 29/10. **Doenças de Hortaliças**. Na pauta, doenças de tomate, batata, cebola e alho. Das 8h às 18h. Na FCAV. Informações (0163) 23-1322.

• 30 e 31/10. I Curso de **Agricultura Orgânica**. Agroecologia, agricultura convencional e orgânica. Das 8h às 18h. Na FCAV. Informações (0163) 23-1322.

MARÍLIA

• 07 a 27/10. **Tela da Tarde**. Dia 07/10, ciclo Luchino Visconti, *Sonhos de um Sedutor*. A partir do dia 14/10, ciclo Werner Herzog, com *Aguirre, a Cólera dos Deuses*; dia 21, *O Enigma de Kaspar Houser*; dia 28, *Stroszeck*. Às 17h. Dia 27, ciclo Clássicos, *Cidadão Kane*. Às 22h30. Na FFC. Informações (0144) 33-1844, ramal 177.

P. PRUDENTE

• 17/10. Evolução do Ensino de **Matemática**. Por Antonio Carlos do Patrocínio, da Unicamp. Às 19h30. No Anfiteatro I da Faculdade de Ciências e Tecnologia (FCT). Informações (0182) 21-5388.

RIO CLARO

• 03 a 31/10. Seminário de **Matemática** e Educação Matemática. Dia 03, "Método de pesquisa e política pública", por Anne Kepple (EUA). Dia 10, "Seminário sobre história da ciência". Dia 17, "26 anos de professora de Matemática na rede estadual de ensino", por Gilda Carrera. Dia 24, "Calculadora gráfica e funções", por Telma A. de Souza. Dia 31, "Construção de polígonos conexos com o tangram", por Fábio Dutra. Às 14h. No Instituto de Geociências e Ciências Exatas (IGCE). Informações (0195) 34-0123.

• 09 e 10/10. Simpósio sobre **História da Ciência**. No debate, "O realismo em Matemática", "A ciência natural de Aristóteles" e "História do pensamento geográfico no Brasil". Com Ubiratan D'Ambrósio, Fernando Prado e Sílvia Figueirôa, entre outros. Das 9h às 18h. No IGCE. Informações (0195) 34-0123.

• 10/10 a 3/11. Prazo de inscrição para o curso Metodologia para **Avaliação Populacional em Ecologia**. Com Nivar Gobbi, Kátia C. Roselli, Marcelo N. Schlindwein e Reginaldo C. Bortolin. De 07 a 10/11, das 8h às 18h. No Centro de Estudos Ambientais (CEA). Informações (0195) 34-2358.

S. J. RIO PRETO

• 09 a 11/10. I Colóquio de Pesquisa e Pós-Graduação em **Matemática Aplicada e Computacional**. Entre os temas, "Astrofísica e cosmologia", "Tópicos de Grafos", e "Resolução de problemas em estatística aplicada". No Ibilce. Informações (0172) 24-4966, ramal 41.

• 20 a 22/10. II FIC **Festival Integrado da Canção**. Inscrições até 13/10, no Diretório Acadêmico de Filosofia, (0172) 24-4966, ramal 263.

SÃO PAULO

• 19/10. Avaliação do **Potencial Cancerígeno** de Produtos Químicos no Brasil. Às 9h30, "Avaliação da carcinogenicidade química", por João L. de Camargo; às 10h45, "Testes alternativos de média-duração 'in vivo'", por Shoji Fukushima (Universidade Municipal de Osaka, Japão); às 14h, mesa-redonda com João L. de Camargo, Álvaro Vargas, Alberto Enteno, Manfred Schreiner e Élia Kotaka. Apoio da Japanese International Cooperation Agency (JICA). Na Rede UNESP/CEETPS. Informações (011) 284-9600.

• 20 a 30/10. A **Poesia Brasileira** da Era Pós-Verso. Presenças de Aldo Fortes, André Vallias, Arnaldo Antunes, Leonora de Barros e Omar Khouri, entre outros. Às 10h30. No 1A. Informações (011) 274-4733, ramal 232.

SÃO VICENTE

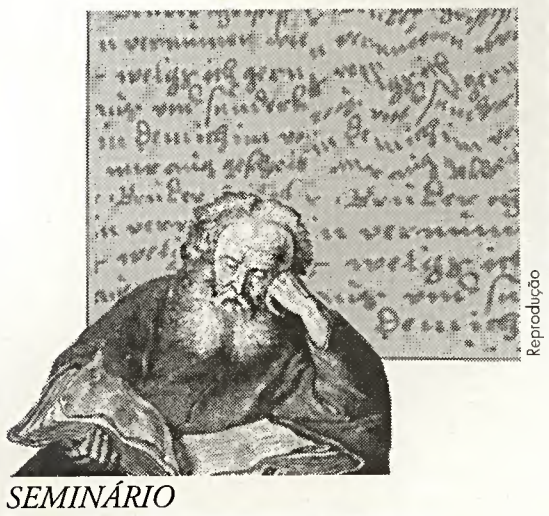
• 06/10 a 25/11. "A construção do **Conhecimento na Sala de Aula**", às sextas-feiras, das 19h às 22h e, aos sábados, das 9h às 17h. Inscrições até 05/10, no Centro de Ensino e Pesquisa do Litoral Paulista (Cepel). Informações (013) 469-7682.

• 07/10 a 25/11. "**A Importância Ecológica de um Ecossistema: o Manguezal**". Aos sábados, das 9h às 17h. Inscrições até 05/10, no Cepel. Informações (013) 469-7682.

Pausa para reflexão

Com a finalidade de debater a situação de suas áreas, os coordenadores de cursos de pós-graduação e presidentes de comissões de pesquisa se reunirão entre os dias 19 de outubro e 10 de novembro para participar do 1 Seminário de Pós-Graduação e Pesquisa da UNESP. O evento será realizado em Águas de São Pedro e em São Paulo e contará com cerca de 200 pessoas. Além de participarem das discussões, os coordenadores deverão enviar para a Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PROPP) comunicações sobre novas políticas de pós-graduação e pesquisa, iniciação científica, comissões de pesquisa, centros de pesquisa e projetos especiais, convênios e programas de intercâmbios científico e cultural, entre outros temas. "Estes trabalhos farão parte das publicações referentes aos 20 anos da UNESP, em 1996", informa o pró-reitor José Ribeiro Júnior, da PROPP.

O evento, que será anual, foi assim organizado: em outubro, nos dias 19 e 20, Ciências Exatas e Engenharia; dias 23 e 24, Ciências Humanas, Letras e Artes; e dias 26 e 27, Agrárias e Veterinárias, todos no Grande Hotel São Pedro. Em novembro, nos dias 6 e 7, Ciências Biológicas; e dias 9 e 10, Ciências da Saúde, ambos no Novotel, em São Paulo. Para dinamizar o encaminhamento dos trabalhos, os coordenadores receberam com antecedência dois textos básicos e atualizados abordando o diagnóstico e perspectivas da pós-graduação e da pesquisa. Mais informações, na PROPP, pelo telefone (011) 252-0253/54.



Reprodução

SEMINÁRIO
Em pauta, pós-graduação e pesquisa

Doce vampiro

Ele deixa a Transilvânia e, durante 10 dias, sobrevoa o câmpus de Botucatu.

Se as janelas estiverem abertas, cerre-as. Espalhe crucifixos e réstias de alho por toda a casa. Estaca de madeira à mão, proteja bem o pescoço. Todo o cuidado é pouco. Os vampiros estão à solta, com fome de sangue e dispostos a arregimentar novos sócios para o clube dos mortos-vivos. Depois de darem seu ar de desgraça na literatura, no cinema, no teatro e na música, eles batem suas asinhas agora em Botucatu, como protagonistas do seminário *Vampirismo, a verdade sobre um mito*. Lá, durante dez dias, entre 9 e 18 de outubro, será possível, enfim, entender por que esse imortal habitante das trevas, símbolo acabado das forças do mal, tem marcado de forma indelével sucessivas gerações, personificando a um só tempo o horror e a sedução.

Médicos, veterinários, psicólogos, biólogos e sociólogos reunirão seus conhecimentos para dissecarem o célebre cidadão transilvanês em exposições, mesas-redondas, palestras, ciclo de filmes, performances e debates *(veja a programação completa nesta página)*. Mas por que toda essa repentina atenção ao vampiro, não só em Botucatu, mas também na Europa e nos Estados Unidos? Para a bióloga Selma Dzimidas Rodrigues, uma das idealizadoras e coordenadoras do evento, a proximidade do terceiro milênio talvez explique alguma coisa. "Nesses períodos, as pessoas ficam mais apreensivas quanto ao futuro e agarram-se a seitas, mitos e divindades", conjectura. "E, nesse contexto, os vampiros voltaram com força total." De fato, nas telas dos cinemas e nas prateleiras das livrarias, vampiros e outros sanguessugas disputam espaço com fadas, duendes, gnomos e uma infinidade de outros seres míticos. Nos últimos anos, Hollywood produziu pelo menos duas superproduções, *Drácula de Bram Stoker*, de Francis Ford Coppola, e *Entrevista com o Vampiro*, de Neil Jordan. A escritora norte-americana Anne Rice lançou sua bem-sucedida trilogia *Contos do Vampiro* e as editoras, detectando o rentável filão, reeditaram os clássicos do gênero, com o *Drácula*, de Bram Stoker, à frente.

A engenheira agrônoma Marney Pascoli Cereda, que divide com Selma a idéia e a organização do seminário, também tem sua teoria sobre a volta dos mortos-vivos — se é que algum dia eles foram embora. "Entender de que forma o vampiro fascina e assusta pode nos conduzir ao auto-conhecimento", acredita.

Convidado a palestrar sobre a relação entre vampirismo e energia, Arnold Frederico Gottschalk, da Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia do câmpus de Botucatu, vai abordar a condição sanguessuga dos vampiros nas sociedades contemporâneas. "Assim como o vampiro precisa do sangue de um ser vivo para continuar sua viagem através dos tempos, as sociedades contemporâneas são pródigas em exemplos de parasitas. É o patrão abusando do empregado, um político enriquecendo em nome da confiança da população, o gigolô vivendo às custas de uma prostituta", ilustra o médico veterinário.

Representado sempre na figura de um nobre sedutor, mesmo nas versões femininas, o vampiro personifica muito do que nós, lá no fundo, mesmo sem admitir, gostaríamos de ser. "Ele é charmoso, irresistível, destemido, inteligente, forte e... imortal", embevece-se Selma. Até a crueldade do personagem torna-se admissível. "Mais do que um pária, ele é um marginalizado, que mata para sobreviver", justifica Marney. "E, de quebra, à Dorian Gray, nos faz refletir sobre a imortalidade."

Há registros milenares dando conta de personagens vampirescos, o primeiro deles datando de 1013, de mitos balcânicos. Mas a imagem do vampiro, tal qual a conhecemos hoje, nasceu mesmo da pena de Bram Stoker. Para dar vida ao seu personagem, o escritor inglês inspirou-se em Vlad Tepes (1431-1476), príncipe da Valáquia, região ao sudoeste da Romênia, cuja fama de sanguinário atravessou os séculos. Stoker, é claro, adicionou ingredientes fantásticos à biografia de Tepes — ingredientes, por sinal, deliciosos. A porfiria, por exemplo, doença que aumenta a sensibilidade da pessoa ao cheiro, originou a repugnância do vampiro ao alho. O insuportável mau hálito, a tez pálida e o fato de não refletir a imagem no espelho também são características surgidas a partir da imaginação de Stoker.

Klaus Kinski, em *Nosferatu, O Vampiro da Noite* (1979), de Werner Herzog

Na mesa-redonda *As diversas facetas do vampirismo* serão abordados aspectos como o morcego hematófago *(veja quadro abaixo)*, o vampirismo comportamental, o vampirismo do ponto de vista médico (a catalepsia, o sangue como energia vital) e psicológico (a sedução, a sexualidade) e a representação artística do vampiro. Findo o seminário, as organizadoras terão realizado um sonho de cinco anos. "Nós somos muito teimosas, e só por isso o evento acabou ocorrendo", comenta Selma. Depois dos vampiros, elas avisam, vem aí a mitologia egípcia. Que Ísis as proteja.

Waltair Martão

Entrevista com o sanguessuga

O verdadeiro vampiro nunca foi à Transilvânia, não transforma suas vítimas em mortos-vivos e tampouco exige uma estaca de madeira cravada no peito para morrer. O conde Drácula de verdade se chama *Desmodus rotundus* e mora na América Latina. Voa muitíssimo bem, tem excelente visão, inclusive à noite, e ainda conta com um infalível sonar que o auxilia na localização e ataque às presas.

Com 35 a 40 centímetros de envergadura, cada vampiro suga em média 20 mililitros de sangue por noite. Suas vítimas preferidas são bois, cavalos e pequenos animais domésticos. O sangue humano também lhes agrada muito, mas eles só atacam pessoas que estejam imóveis, dormindo. Têm os dentes incisivos centrais e dois caninos muito desenvolvidos. Quando mergulham sobre as vítimas, lanham sua pele e bebem o sangue por dois sulcos que têm sob a língua.

Como todos os seus parentes, os morcegos vampiros se escondem durante o dia, abrigando-se no oco ou nas folhagens de árvores, em grutas, porões, sótãos, cisternas — lugares escuros e protegidos. À noite, se não houver luar (morcego não gosta da luz da lua), saem para alimentar-se.

Identificar a presença de um morcego vampiro é fácil: sempre que houver, escorrendo pelas paredes, uma matéria semilíquida, com aparência de óleo queimado, é sinal de que há vampiros por perto. O combate ao *Desmodus rotundus* é importante sobretudo devido ao fato de serem excelentes transmissores da raiva, doença que, uma vez manifesta, não tem cura e mata em poucas semanas.

(P.V.)

Reprodução

10 dias de sustos e arrepios

Filmes, exposições, debates, palestras: o seminário *Vampirismo, a verdade sobre um mito*, entre 9 e 18 de outubro, no Anfiteatro "B" do câmpus de Botucatu, promete ser movimentado. Começa com uma mostra de filmes, sempre às 20 horas, com posterior debate. Foram selecionados *Fome de Viver*, de Tony Scott (dia 9); *Amor à Primeira mordida*, de Stan Dragoti (dia 10); *Os Garotos Perdidos*, de Joel Schumacher (dia 11); *Drácula*, de Tod Browning (dia 12); *A Dança dos Vampiros*, de Roman Polanski (dia 16); e *A Verdadeira História de Drácula*, de Calvin Floyd (dia 17). A partir do dia 15, a exposição "Vampirismo como forma de expressão artística" mostrará pinturas, fotografias, textos de teatro, contos e poesias sobre o personagem. No dia 13, a mesa-redonda "As diversas facetas do vampirismo" abordará assuntos como o vampirismo animal, comportamental, fisiológico, médico, energético e psicológico. Na oportunidade, será lançado o livro *A Sedução do Vampiro*, da psicóloga Rosemary Correa Ceros, de Santos (SP). No dia 14, às 21 horas, haverá uma performance com o teatrólogo Cleido Roberto Vasconcelos, que interpretará, claro, o Drácula.